

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2018v20n2p217>

HUTZLER, Celina (org.). **René Ribeiro e a Antropologia dos Cultos Afro-Brasileiros**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2014. 222 p.

Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
E-mail: amurabi\_cs@hotmail.com

### Revisitando a Obra de René Ribeiro (1914-1990)

É amplamente conhecida no campo das ciências sociais a narrativa que atribui ao eixo Rio-São Paulo o pioneirismo no processo de institucionalização dessas ciências, atribuindo um lugar menor e provinciano àquelas que são elaboradas a partir de outros arranjos acadêmicos em outras regiões do país (Reesink; Campos, 2014). Esse movimento tem implicado em certo esquecimento de figuras centrais na formação das ciências sociais no Brasil, como é o caso de René Ribeiro (1914-1990).

Pertencente a uma geração de médicos antropólogos, tal como Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e Arthur Ramos (1903-1949), Ribeiro se diferencia desses autores por ter possuído uma formação acadêmica *stricto sensu* em Antropologia, obtendo o título de *Master of Arts* em Antropologia pela Universidade de Northwestern (1949) sob a orientação de Melville Herskovits (1895-1963), que fora responsável pela institucionalização dos estudos afro-americanos (Yelvington, 2007). Desse modo, ele se tornou uma das figuras mais emblemáticas da chamada Escola de Antropologia do Recife (Campos; Pereira; Matos, 2017).

Como bem indica Motta (1993), em que pese o fato de Herskovits ter tido outros alunos brasileiros, Ribeiro foi por excelência o discípulo brasileiro desse renomado antropólogo americano. Apesar de não ter prosseguido em um Ph.D., atuou intensamente no processo de

institucionalização da antropologia no Brasil, com destaque para sua presidência na Associação Brasileira de Antropologia (ABA) entre 1976 e 1978, bem como a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1977.

Apesar do cuidado que ele teve ainda em vida de tornar alguns de seus textos acessíveis para novas gerações, como atesta a organização da coletânea *Antropologia da Religião e Outros Ensaios* (Ribeiro, 1982), a publicação de René Ribeiro e a *Antropologia dos Cultos Afro-Brasileiros* traz novas possibilidades de acesso aos leitores do legado desse mestre da antropologia. Trata-se não apenas da republicação de *Cultos Afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social* (Ribeiro, 1952) – trabalho que constitui uma versão ampliada de sua dissertação, incluindo aí dados obtidos em trabalho de campo realizado posteriormente à obtenção de seu título – havendo também outros textos que versam sobre alguns aspectos biográficos e da obra acadêmica de Ribeiro, marcando o tom comemorativo de seu centenário.

A maior parte deste trabalho de fato equivale à republicação de *Cultos Afro-brasileiros do Recife*, o que por si só é de grande valor para o campo da antropologia da religião, dado o pioneirismo da utilização análise antropológica e etnográfica no estudo das religiões afro-brasileiras a partir da perspectiva culturalista. Como o próprio autor indica (Ribeiro, 1984), o contato com a obra de Herskovits implicou numa guinada significativa com relação ao trabalho que ele vinha realizando junto com Ulysses Pernambucano (1892-1943), numa passagem de uma perspectiva próxima à psicopatologia para outra, culturalista<sup>1</sup>.

Neste trabalho bastante enxuto (em torno de 120 páginas) Ribeiro explora os seguintes tópicos: a) o negro em Pernambuco; b) a estrutura dos grupos de culto afro-brasileiros; c) o funcionamento dos grupos de culto; d) a conduta e o destino do indivíduo. Há claramente um diálogo mais intenso com a obra de Herskovits, como é possível perceber pelas inúmeras referências à obra de seu orientador; mas sem com isso deixar de lado os trabalhos dos pesquisadores brasileiros, com destaque para Freyre, Nina Rodrigues e Ramos, autores considerando fundamentais para a formulação do campo de estudos afro-brasileiros.

Deste diálogo notadamente o conceito de “aculturação” acaba por ganhar destaque, especialmente considerando os aspectos dos cultos afro-brasileiros nos quais há uma clara influência de outras matrizes culturais, como o catolicismo. Acentua-se com isso “[...] esse caráter de permuta de elementos, em lugar da imposição de uma cultura sobre outra, ou da anulação de uma cultura por outra.” (Ribeiro, 2014 [1952], p. 117).

Outro ponto que vale a pena destacar neste trabalho é a análise que ele realiza acerca da relevância dos jogos divinatórios, não apenas em momentos rituais específicos, como também para a organização da vida cotidiana dos fieis. Na análise de Ribeiro, os jogos divinatórios não são algo menor na estrutura destes cultos, constituem-se sim como um dos elementos fundamentais para sua compreensão.

Acompanham, ainda, a republicação desse clássico da antropologia da religião brasileira, as fotografias de Pierre Verger (1902-1996) e Cecil Ayres, além daquelas publicadas originalmente em 1952, outras cinco inéditas. Há ainda um segundo conjunto de fotografias referente à III Reunião Brasileira de Antropologia, organizada em Recife por René Ribeiro, que consegue captar bem o tom daquele evento, e o momento ainda incipiente de institucionalização da antropologia brasileira naquele momento<sup>2</sup>.

Segue-se o posfácio de Celina Ribeiro Hutzler, antropóloga e filha de Ribeiro, que realiza um apanhado sobre o processo de institucionalização da antropologia em Pernambuco. Tomando como marco a volta de Gilberto Freyre dos Estados Unidos, Hutzler reconstitui a formação do campo antropológico no Estado, destacando os avanços e retrocessos vivenciados em meio a uma profunda fragmentação institucional, e às mudanças vivenciadas no ensino superior brasileiro com a dissolução das cátedras e o advento dos departamentos (entre as décadas de 1960 e 1970). Aponta como banimento de Ribeiro do Programa Integrado de Economia e Sociologia (PIMES) representou a exclusão do grupo ligado a Freyre dentro de um determinado projeto de universidade, e a implicação disto nas dificuldades encontradas para a institucionalização da antropologia em Pernambuco.

Roberto Motta em “René Ribeiro ou a Paixão do Concreto” destaca o caráter profundamente empírico deste autor, distando-o de

outros pesquisadores da mesma geração, ou de gerações precedentes. Motta acentua a importância que o trabalho de campo teve na obra de Ribeiro, o que também o diferenciava de outro cânone neste campo de estudo: Roger Bastide (1898-1974). Toma ainda o cuidado de, apesar de reconhecer a ligação entre o trabalho de Ribeiro e de Herskovists, indicar que o antropólogo pernambucano nunca aderiu integralmente à absolutização do relativismo, o que é de profunda relevância também para a leitura de *Cultos Afro-Brasileiros do Recife*.

Em “René Ribeiro e a Institucionalização da Antropologia em Pernambuco” Antônio Motta e Renato Athias retomam a trajetória acadêmica e institucional de Ribeiro, destacando seu papel à frente do Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco ainda em 1950. Comparando com a realidade encontrada em outras capitais do nordeste, os autores pontuam que Ribeiro constituía uma exceção à regra, ao possuir uma formação acadêmica estrita no campo da antropologia, o que não era comum entre os catedráticos desta ciência no mesmo período. Ao assumir a cátedra de Etnografia do Brasil na UFPE, ele teria dado um passo decisivo em sua inserção na carreira universitária, sem nunca abandonar a profissão médica. Por fim, eles visibilizam sua atuação na ABA, que refletiria também seu papel na institucionalização da antropologia em nível nacional.

O último trabalho que compõe esta coletânea é “Notas Biográficas sobre René Ribeiro”, de Heraldo Souto Maior, também um dos pioneiros das ciências sociais em Pernambuco. Ele indica algo importante: que a própria biografia de Ribeiro passa por momentos diversos de organização da universidade, e dos estilos de trabalho no ensino superior.

Certamente essa coletânea se torna uma leitura obrigatória para a compreensão da formação do campo da antropologia da religião no Brasil, especialmente se aceitarmos o argumento desenvolvido por Campos e Reesink (2011, p. 222) acerca da necessidade de “[...] fomentar uma crítica à construção de uma geopolítica da produção acadêmica no campo da antropologia da religião cujo eixo fundante se traduz por uma clivagem regional”. Acredito que a revisita à obra de Ribeiro nos possibilita redimensionar nosso campo, especialmente o de estudos das religiões afro-brasileiras, compreendendo melhor seu surgimento, desenvolvimento e desdobramentos.

## Notas

- <sup>1</sup> O contato inicial de Ribeiro com o culturalismo se deu através de Gilberto Freyre (1900-1987) que o emprestou *The Mind of Primitive Man* (1911) de Franz Boas (1858-1942), durante o I Congresso Afro-Brasileiro realizado em Recife em 1934. Possivelmente o primeiro contato com Herskovits se deu em 1943, quando este realiza sua primeira viagem ao Brasil, tendo pronunciado uma conferência na Faculdade de Direito do Recife.
- <sup>2</sup> Os dois conjuntos de fotografia foram organizados pelo antropólogo Renato Athias.

## Referências

CAMPOS, Roberta; RESINK, Mísia. Mudando de eixo e invertendo o mapa: para uma antropologia da religião plural. **Religião e Sociedade**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 209-227, 2011.

CAMPOS, Roberta; PEREIRA, Fabiana; MATOS, Silvana. **A Nova Escola de Antropologia do Recife: ideias, personagens e instituições**. Recife: EDUFPE, 2017.

MOTTA, Roberto. René Ribeiro (1914-1990). **Anuário Antropológico**, [S.l.], v. 90, p. 233-241, 1993.

REESINK, Mísia; CAMPOS, Roberta. A Geopolítica da Antropologia no Brasil: ou como a província vem se submetendo ao Leito de Procusto. In: CAMPOS, P. Scott; PEREIRA, R. F. (org.). **Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: Geopolíticas Disciplinares**. Recife: EDUFEPE/ABA, 2014. p. 55-81.

RIBEIRO, René. **Antropologia da Religião e Outros Ensaios**. Recife: Massagana, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cultos Afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1952.

\_\_\_\_\_. Tempo de Experiência. **Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 14/15, n. ½, p. 83-100, 1984.

YELVINGTON, Kevin. Melville J. Herskovits e a institucionalização dos Estudos Afro-Americanos. In: PEREIRA, C. L.; SANSONE, L. (org.). **Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 149-171.

Recebido em 11/08/2018

Aceito em 20/10/2018



Este texto está publicado sob uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional – CC BY NC AS.

Mais detalhes em: [https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR)